

MATERIALIDADES DISCURSIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A PESQUISA COM NOVAS LINGUAGENS / *DISCURSIVE MATERIALITIES IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: THE RESEARCH WITH NEW LANGUAGES*

Vanice Sargentini*

Jocenilson Ribeiro**

Parla Camila Souza***

Resumo: Este artigo tem por principal objetivo apresentar um percurso de pesquisa cujo objeto de investigação é o *texto misto em materiais didáticos e avaliativos no Brasil*. Desde 2009, na pós-graduação *stricto sensu*, trabalhos vêm sendo desenvolvidos por dois pesquisadores, que têm procurado responder a algumas questões envolvendo novas linguagens no ensino de língua portuguesa. Entre as principais questões, fazemos constar aquela que, de certo modo, rege as demais: como os textos constituídos por mais de uma linguagem têm sido abordados nos estudos linguísticos e em materiais de ensino ao longo dos anos no Brasil? O *corpus* é constituído

* Professora da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; sargentini@uol.com.br

** Doutorando pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; jonuefs@gmail.com

*** Mestranda pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; parlacamila@gmail.com

por livros didáticos, documentos oficiais para a área de LCT (BRASIL, 1994) e provas de sistemas nacionais de avaliação (ENEM/ENADE). Esses estudos estão fundamentados na Análise do Discurso Francesa e nos trabalhos de Michel Foucault, no que se refere à concepção de discurso. Nesse sentido, destacamos noções como *enunciado*, *discurso*, *arquivo*, *semiologia* e *materialidades discursivas*, por meio dos quais procedemos as análises. Os estudos apontam para a necessidade de haver um trabalho epistemológico mais elaborado do ponto de vista teórico e metodológico para a leitura de textos imagéticos em contexto escolar a fim de permitir aos alunos a leitura destas linguagens num viés discursivo, evitando uma leitura empirista, ilustrativa ou representacional.

Palavras-chave: Análise do Discurso; História das Ideias Linguísticas; texto misto; imagem; semiologia.

***Abstract:** This article has as the main goal to present a way of research whose the object of investigation is the mixed text in textbooks and evaluations in Brazil. The studies have been conducted by two researchers, in post-graduate studies since 2009, who have sought to answer some questions involving new languages in the Portuguese language teaching. Among these questions there is one that guides the others: how have the texts made up of more than one language been addressed in linguistic studies and in teaching materials over the years in Brazil? The corpus consists of textbooks, official documents for the area of LCT (BRASIL, 1994) and tests of the national evaluation systems (ENEM/ENADE). The theoretical bases of these studies are based on the French Discourse Analysis and Michel Foucault's studies to the notion of discourse. In this sense, we emphasize notions such as utterance, discourse, archive, semiology and discursive materialities through which we proceeded with the analysis. The studies highlight the need for an epistemological work more elaborate from the standpoint of theoretical and*

methodological framework for reading imagistic texts in schools in order to enable students to read these languages in a discursive bias, avoiding an empiricist, illustrative or representational reading.

Keywords: *Discourse Analysis; History of Linguistic Ideas; Mixed Text, Image; Semiology.*

Introdução

A questão posta neste artigo não tem por objetivo buscar uma resposta imediata, visto que é preciso avaliá-la na dimensão da complexidade em que ela se inscreve, o que envolve diferentes contextos, temporalidades, objetivos e a natureza do próprio objeto, bem como teorias e metodologias variadas. Nesse sentido, é preciso pensar em conceitos, isto é, ter clareza do objeto de pesquisa, definir o objeto enquanto problema ser investigado, estabelecer os limites de temporalidade, evidenciar as abordagens teórica e metodológica com as quais se pretende trabalhar. É preciso também definir o *corpus*. Posto isso, procuramos saber: com qual conceito de texto se está trabalhando em atividades ligadas ao ensino de linguagem; como e onde estes textos circulam; qual é sua natureza material; qual o recorte temporal em que se fizeram estes estudos linguísticos; quais materialidades compõem o *corpus*.

O artigo apresenta alguns resultados de pesquisas já concluídas e de outras em fase de desenvolvimento. A título de orientação na leitura, apresentamos dois projetos (nomeados Pesquisa X e Pesquisa Y) com objetivos distintos, mas abordagem teórico-metodológica semelhante. O confronto dessas constatações aponta para uma das perspectivas que vêm a contribuir com as reflexões mais atuais sobre a multimodalidade, a leitura de textos imagéticos e mistos bem como as novas materialidades do discurso.

1 Contextualização da pesquisa

Os estudos apresentados, nesta reflexão, fazem parte de um contexto maior de pesquisas desenvolvidas no grupo LABOR – Laboratório de Estudos do Discurso. Liderado pela professora Vanice Sargentini, o grupo congrega pesquisadores da UFSCar, como Carlos Piovezani e Luzmara Curcino, pesquisadores de

outras instituições, alunos de pós-graduação em Linguística e alunos de graduação dos cursos de licenciatura em Letras e de bacharelado em Linguística da UFSCar. O objetivo é “discutir teórica e analiticamente questões relacionadas ao campo teórico da Análise do Discurso, como o contexto epistemológico de constituição da teoria, a organização do *corpus* de análise, considerando as multimodalidades e as articulações entre discurso e história na constituição dos enunciados” (SARGENTINI, 2012, p.15). As investigações organizam-se em dois eixos temáticos: i) a inseparabilidade entre a construção histórica dos discursos e o processo de produção de identidades; e ii) o papel da multimodalidade na produção dos discursos na contemporaneidade, em especial na produção do discurso político.

No primeiro, analisam-se as construções de processos históricos discursivos operados em discursos sobre a resistência política, sobre textos do campo jurídico, textos midiáticos divulgados em revistas e jornais, todos eles, enfim, caracterizando-se como discursos que são espaços de encontro da língua com a história e, conseqüentemente, âmbito ideal para a produção de identidades locais e nacionais. No segundo eixo, investigam-se as transformações no discurso político, considerando a intervenção das novas tecnologias nos programas de governo, nas propagandas políticas eleitorais, nos discursos de posse. Observa-se, então, a necessidade de análise da multimodalidade a que o discurso está sujeito, estudando-o não somente em sua organização verbal e imagética, mas em seu caráter semiológico, a ser analisado a partir de sua inscrição na história.

As pesquisas desenvolvidas no grupo LABOR orientam-se, portanto, na busca de respostas às questões postas na contemporaneidade, tais como: é possível, com o quadro teórico da Análise do Discurso, analisar o texto misto? Qual é a importância do estudo das imagens como operadoras de memória social e quais seriam as contribuições deste estudo para o quadro teórico dos estudos do discurso? Em que nos interessaria o conceito saussuriano de semiologia e o que se pode conservar deste conceito numa abordagem discursiva e, portanto, histórica?

Como dissemos, um dos eixos temáticos está voltado ao papel da multimodalidade na produção dos discursos (sejam eles políticos, científicos, literários ou pedagógicos), procurando compreender o funcionamento do texto constituído por mais de uma linguagem no processo de produção e circulação de sentidos historicamente. Assim, inscrevem-se nesse eixo dois projetos de pesquisas (que aqui identificamos como Pesquisa X e Pesquisa Y) que vêm flagrando os diferentes modos de leitura/interpretação de materialidades verbo-visuais em contexto escolar,

mais especificamente em exames nacionais de avaliação brasileira (ENEM e ENADE) e em materiais didáticos de língua portuguesa. É sobre esse segundo eixo que arrolamos a seguir nossas principais reflexões, apresentando resultados (alguns já conclusivos) ao lado de uma breve abordagem do embasamento teórico.

1.1 Pesquisa X

A percepção de uma proliferação de imagens, textos mistos nos meios de comunicação, instigou-nos a observar também como e se o âmbito educacional estava sendo afetado por essa incidência de textos multimodais. As reflexões iniciais desse estudo foram desenvolvidas em nível de Iniciação Científica (IC), em um trabalho denominado *Imagem e ensino: uma proposta discursiva* (2010), no qual pudemos estudar as diferentes formulações das atividades/exercícios contendo texto (não verbal e misto) e o emprego desses textos nos exercícios presentes nos Livros didáticos (LDs) de Língua Portuguesa para o ensino médio da rede pública. Os LDs analisados nessa pesquisa foram: *Português: novas palavras* (2000), *Português linguagens* (2003) e (2004), *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos* (2002), *Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras* (2005). No Trabalho de conclusão de curso (TCC) (2010), homônimo da IC, mantivemos os objetivos, revisamos as análises e acrescentamos ao *corpus* os *Cadernos do Estado para o ensino médio* (2008). A escolha pelo LD, em meio a tantos objetos de pesquisa possíveis nesse universo educacional, deu-se por conta de seu importante papel tanto na preparação quanto no desdobramento das aulas. Já a decisão de restringir a pesquisa ao ensino médio ocorreu pela aproximação desse nível de ensino com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Além disso, havia a necessidade de avaliar a coerência na formulação das questões envolvendo o texto verbo-imagético, cobradas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e trabalhadas, fomentadas pelos LDs. Diante da diversidade de empregos tanto do texto imagético quanto do texto sincrético nos exercícios dos LDs, constatamos uma heterogeneidade de procedimentos, abordagens no trato com essas interfaces das linguagens nos LDs, e uma certa contradição entre a apresentação dos referidos LDs e seus conteúdos. Em virtude dessa diversidade, formulamos quatro categorias diferentes de leitura das materialidades analisadas. Na primeira categoria, o texto verbo-imagético era lido com função ilustrativa (exemplo das fotos, pinturas e desenhos); na segunda, a leitura acontecia pela relação entre duas ou mais linguagens (o poema e a pintura; a tirinha), ou seja,

uma linguagem completando a ideia da outra; já na terceira categoria, a leitura se dava pela interação entre as linguagens (cartuns e anúncios publicitários); e, na última, pela produção de sentidos (o funcionamento do texto verbal ou verbo-visual) no universo enunciativo (cartuns e anúncios publicitários).

Com todos os subsídios dos trabalhos anteriores, pudemos expandir os objetivos de pesquisa, em nível de mestrado. O projeto intitulado *O enunciado imagético e verbal no livro didático: uma orientação discursiva*, propõe verificar e avaliar a ocorrência (quantitativa) de exercícios contendo texto verbo-visual, analisar como a abordagem discursiva atua nestas atividades, investigar a pertinência e a contribuição desta abordagem e orientar o professor no trato com exercícios contendo textos multimodais. O *corpus* desse trabalho é composto pelos volumes três de Língua Portuguesa para o ensino médio dos livros *Português linguagens* (1990, 2010), *Novas palavras* (2010), *Viva português: ensino médio* (2010). Tal seleção recai sobre o fato de que esses livros fazem parte da lista do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) estabelecida pelo MEC para os anos de 2012, 2013 e 2014.

O aumento da incidência de textos imagéticos e mistos nos LDs (capa, contracapa, tópico, divisão de capítulos) e sua ocorrência em diversas áreas da disciplina (Gramática, Produção de Texto, Literatura) em um período de vinte anos, sem dúvida, é um dado bastante significativo. Agora, cabe-nos compreender como a leitura desses textos multimodais tem sido realizada e se houve alguma mudança no decorrer dos anos.

1.2 Pesquisa Y

O projeto *A constituição do enunciado nas provas do ENEM e do ENADE: uma análise dos aspectos semiológicos da relação língua-imagem sob a ótica dos estudos do discurso* (SANTOS, 2011), desenvolvido entre 2009 e 2011 – resultante em dissertação de mestrado – teve por objetivo estudar as provas do ENEM (entre 1998 e 2009) e do ENADE (2004-2009), levando em conta itens da área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (LCT). Para esse estudo, foram selecionados apenas os itens que abordavam problemas construídos em torno de um texto verbo-imagético¹. Em cada item, eram observados o modo como se levava

¹ Por razões de direitos autorais, não reproduziremos neste artigo nenhum texto imagético e sincrético. Para ter acesso a este tipo de materialidade, sugerimos os livros didáticos

em conta a natureza constitutiva do texto, o tratamento com o sistema semiológico, a base teórica que girava em torno problema etc. Foi constatado que, nos exames, houve um aumento gradativo na incidência de itens envolvendo textos imagéticos ou sincréticos, isto é, aqueles que se apresentam por meio de linguagens verbais e icônicas (desenhos, pinturas, gráficos etc). Quanto ao modo de leitura das materialidades analisadas, observamos que, a depender das habilidades e competências avaliadas em cada item, o texto verbo-imagético era lido com função ilustrativa e/ou didatizante (exemplo das fotos e desenhos), pela relação entre duas ou mais linguagens (o poema e a pintura), pela composição técnico-expressiva (pinturas) e pela produção de sentidos (o funcionamento do texto verbal ou verbo-visual) no universo enunciativo.

A partir dessa pesquisa, ampliamos os objetivos a fim de observar, historicamente e num período cronológico maior, como os estudos linguísticos (na formação de conceitos teóricos pela pesquisa) e a escola (na atividade docente por meio de materiais didáticos) abordaram o texto imagético e misto desde a institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil. O projeto de doutorado *Arqueologia da imagem na historiografia linguística brasileira: discurso, ensino e sistemas de avaliação* (SANTOS; SARGENTINI, 2012), que se encontra atualmente em segunda fase de desenvolvimento², tem por principal intento investigar as condições de emergência e o aumento progressivo do emprego da linguagem imagética na produção de textos contemporâneos de âmbito educacional. Nesse sentido, essa pesquisa pretende também compreender os pressupostos teóricos que têm orientado o ensino/aprendizado de leitura e interpretação de textos, de

elencados na lista de referências; para ter acesso à parte dos itens analisados das provas do ENEM e do ENADE, ver Santos (2011) na lista de referências.

² Para fins metodológicos, o projeto está dividido em três fases: i) montagem e descrição do *corpus* constituído inicialmente por manuais didáticos e documentos oficiais e estudos bibliográficos da fundamentação teórico-metodológica; ii) desenvolvimento de uma pesquisa no exterior (na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, sob orientação do Prof. Dr. Christian Puech) no campo da *Histoire des Idées Linguistiques* (HIL); iii) desenvolvimento desta fase da seguinte maneira: a) aprofundamento das análises do *corpus* feitas na primeira fase contrapondo com os resultados obtidos em sistemas de avaliação à época do mestrado; e b) estabelecimento de um estudo analítico na história das ideias/teorias linguísticas no Brasil, procurando compreender a emergência do texto verbo-visual em ensino de língua portuguesa numa perspectiva discursiva.

modo geral, e da imagem, de modo particular, considerando o panorama histórico de institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil.

Partimos, pois, de um *corpus* constituído por i) livros didáticos do ensino médio (e antigo segundo grau) postos em circulação a partir da década de 1970 até os dias atuais; ii) documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa e sistemas de avaliação no Brasil; além de iii) textos científicos que fundamentem a leitura de textos imagéticos na escola. Neste último caso, pela própria escassez dos textos, procuramos flagrar, na História das Ideias Linguísticas (HIL)³, as reflexões que, direta ou indiretamente, estiveram relacionadas à leitura do texto imagético e misto em contexto escolar. Sabe-se, portanto, que, nos últimos dez anos, as discussões em torno do conceito de leitura e produção de textos tiveram em seu eixo teórico algumas correntes epistemológicas sustentadas pela teoria semiótica, gêneros do discurso, linguística de texto etc. Resta saber como e por quais razões, ao longo dos anos, o texto imagético figurou, de modo ascendente, nos manuais didáticos e nos exames de avaliação; e de que modo a leitura dessas materialidades vem sendo feita.

2 Breve abordagem teórico-metodológica

O Alicerce de nossa reflexão está no entrecruzamento das noções de língua(gem), história, memória, discurso e práticas de leitura, a partir das quais consideramos as formulações discursivas de Jean-Jacques Courtine e as contribuições de Michel Foucault à teoria do discurso, destacando o conceito de arqueogenealogia, arquivo, memória discursiva, interdiscurso e formação discursiva – fundamentais para os procedimentos analíticos que têm norteado nossos estudos. Se antes, nos estudos enunciativos e discursivos, a língua era o sistema semiológico privilegiado (PÊCHEUX, 1993[1969], 1995) – senão o único mediante o qual o sentido seria constituído e servia aos pesquisadores como lugar de preocupação sobre os processos ideológicos e de subjetivação –, posteriormente outros sistemas como o corpo, a voz, o gesto (PIOVEZANI, 2009) passariam a contar como lugar de constituição de sentido plural. As diferentes práticas de leitura instituídas – não por via de um vago contexto de produção dos discursos,

³ COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. (Org.) *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010; PUECH (1992, 2006).

mas pela história, pelas sociedades e instituições de saberes comuns a uma dada época e lugar – vão nos levar a pensar que não há uma verdade já dada, um sentido único, uma língua-modelo, mas uma multiplicidade de sentidos dados por leituras e interpretações autorizadas no interior da história, fazendo com que determinado enunciado possa emergir, e não outro em seu lugar; nesse sentido, antes de ser uma abertura dos modos de dizer, é uma tentativa de controle desse dizer, já que o discurso é também controle dos sentidos, ele está sob um jogo de regras determinantes sobre o que pode e o que deve ser dito. Para melhor compreendermos esta reflexão, é preciso fazer um percurso analítico partindo do enunciado, concebido por Foucault (2008) como menor unidade de análise de discursos, concebendo o discurso que se materializa em diferentes linguagens. Dito de outro modo, pode-se entender tal trajeto a partir da compreensão da noção de enunciado, discurso e texto.

2.1 Enunciado nos estudos do discurso

Ao tratar do método arqueológico de análise do discurso, Foucault (2008) traça uma discussão acerca da relação de dependência entre a concepção de arquivo e enunciado, abordando as características de raridade, exterioridade e acúmulo que marcam este último conceito. Para o filósofo francês, o enunciado corresponde à unidade básica do discurso, não é por si só uma unidade linguística regida por sujeito, verbo e complemento, mas uma “função que cruza um domínio de estruturas e unidades passíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Assim, é a *função enunciativa* que torna a frase, a proposição, o ato de linguagem um enunciado. E essa função leva em conta o sujeito que enuncia, a partir de num lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas. Podemos concluir que o “enunciado é *um conjunto de signos em função enunciativa*” (FOUCAULT, 2008, p. 98). A partir das ideias foucaultianas, Courtine (2009), propondo uma articulação entre os estudos da Análise do Discurso e a noção de enunciado delineada por Foucault (2008), define enunciado a partir de quatro propriedades básicas que delimitam sua função de existência. São elas: a) está ligado a um referencial, o que define as possibilidades de aparecimento e delimitação daquilo que deu sentido à frase, à oração, à imagem, por exemplo; b) mantém uma relação determinada com um sujeito que se posiciona ao enunciar de uma

dada instituição e lugar social do dizer; c) mantém também um domínio associado, pertencendo a certa área do saber; d) apresenta uma existência material, isto é, apresenta-se em uma dada materialidade semiológica.

A noção de enunciado de Foucault (2008) nos é primordial já que contempla diversas materialidades apreendidas por diferentes sujeitos na constituição de discursos que controlam os dizeres, distribuem no campo da história as imagens que podem (ou não podem) ser vistas, mostradas. O enunciado, nessa perspectiva, pode apresentar uma natureza compósita porque é assim que os discursos constroem saberes, isto é, integrando sistemas simbólicos diversos numa rede de relações.

Em um primeiro momento, não estava no interior das reflexões teóricas de Michel Pêcheux uma visada semiológica e histórica da constituição dos discursos tal como pensava Michel Foucault. Mais tarde, entretanto, Pêcheux (2011) já apontava para duas perspectivas que nos permitem realizar estudos voltados a novas materialidades: de um lado, ele indicava um caminho que compartilhasse com as reflexões semiológicas a fim de descrever as estruturas da materialidade produtora de sentidos; de outro, não perdia de vista uma metodologia de análise que levasse em conta o projeto arqueológico postulado por Michel Foucault, porque dessa forma estaria considerando as condições históricas de emergência dos discursos e seu caráter heterogêneo. No artigo em que aparecem essas questões, Pêcheux (2011) postula:

Ela [a análise do discurso] compartilha com as *tradições semiológicas e semióticas*, (que, aliás, designam, às vezes, seus trabalhos como análises de discurso), a tarefa de apreender a descrever as condições estruturais de existência do sentido, mas sem se autorizar supor estruturas lógico-semânticas subjacentes às sequências discursivas.

Ela compartilha, finalmente, com a *perspectiva arqueológica foucaultiana*, a tarefa de levar em conta as condições históricas de existência de discursos na sua heterogeneidade, mas ela visa reproduzir, explicitamente nesse campo, a problemática da língua – grifos do autor⁴ (p.228).

As duas perspectivas apontadas por Pêcheux (2011) para análises discursivas são cruciais também para nossa pesquisa por duas razões, uma de natureza material e outra, metodológica. A primeira diz respeito à materialidade do objeto

⁴ Texto originalmente publicado sob o título *Spécificité d'une discipline d'interprétation*, em 1984 no primeiro número da revista *Buscila*, Paris.

de análise, isto é, os textos verbais, imagéticos e sincréticos para os quais temos inclinado nossa atenção estudando suas características estruturais, as formas de produção e circulação, as regularidades nos modos de apropriação nos materiais didático-pedagógicos etc.

Quanto à natureza metodológica, é preciso levar em conta as condições de existências e recorrências de determinados discursos e práticas como fenômenos históricos. Dito de outro modo, podemos afirmar que não nos interessa saber por que, no ensino de língua portuguesa, a imagem esteve à margem das abordagens sobre a leitura nos anos 70 ou 80 nem buscar a origem das razões que permitiram seu aparecimento. Ao contrário, interessa-nos saber como ao longo dos anos o texto compósito passou da condição de elemento ilustrativo em livros didáticos e em questões de exames seletivos à condição de objeto de leitura e de interpretação. Interessa-nos saber as condições de emergência que, em determinada época, permitiram se fazerem evidentes práticas de discursos, obedecendo às mesmas regras de formação dos enunciados.

2.2 A noção de discurso

A noção de discurso é proposta, principalmente, por Michel Foucault no livro *A arqueologia do saber* (2008[1969]). Nessa obra, ele apresenta o discurso como sendo um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva. De acordo com Gregolin (2007), as ideias desse teórico são fundamentais para o desenvolvimento da Análise do Discurso, como se tem trabalhado hoje, uma vez que ele faz uma espécie de revisão teórico-analítica em sua obra, possibilitando o desenvolvimento de uma teoria do discurso, a qual pode ser pensada, segundo a estudiosa, a partir dos seguintes tópicos:

- a) o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e que se articula com outras práticas não discursivas;
- b) os dizeres e fazeres inserem-se em *formações discursivas*, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação;
- c) o discurso é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem-se os saberes de um momento histórico;
- d) o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente);

- e) a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em um certo momento histórico (GREGOLIN, 2007, p.14-15).

A partir dessas propostas, Gregolin (2007) explica que Foucault deseja “analisar as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e proibição de outros” (p.14-15). Diante disso, entendemos que o discurso se revela em toda e qualquer materialidade linguageira quando dominada pelas condições sócio-históricas de produção em que se veiculam saberes.

2.3 O texto como lugar de análise

Compreendemos o texto em sua dimensão semiológica e histórica. Nesse sentido, o texto se apresenta como unidade de significação constituída por sistemas semiológicos de natureza verbal (linguística) e não verbal (imagens estáticas e animadas, gestos, sons, sinais, símbolos etc.) e pelo funcionamento enquanto unidade de expressão do discurso. O texto é, portanto, a materialização concreta do discurso em uma ou em diferentes linguagens. Dessa perspectiva, discurso e texto são interdependentes, uma vez que não há texto capaz de circular sem produzir efeitos de sentidos entre interlocutores (conceito fundamental do discurso à luz de Michel Pêcheux), bem como não há discurso que não se manifeste por textos. Para descrever um texto e analisar os discursos que nele se manifestam, é necessário levar em conta: as condições históricas de produção desse texto e as condições de emergência capazes de permitir que um dado saber – seja no campo da política, ciência ou saúde – circule em lugar de outro (FOUCAULT, 2001); analisar os discursos manifestos em textos de natureza compósita, levando em conta as relações de poderes que regem a ordem de produção de discurso e os sujeitos que estão envolvidos na produção e/ou recepção do texto; e, por último, entender ainda que, quando os sujeitos produzem/leem textos, eles o fazem vinculados a determinadas formações discursivas e, dessa forma, os enunciados constituintes dos discursos mantêm relação com outros enunciados. Diante disso, concordamos com Fiorin (2002) quando afirma que “todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla” (p.13), o que, para nós, significa que tal escala engloba a dimensão exterior à própria materialidade, a história; portanto, o texto não se restringe a sua composição por signo linguístico e imagem.

3 Abordagem analítica nas pesquisas

3.1 A pesquisa inicial X: um olhar para os livros didáticos

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (com origens na Iniciação Científica⁵) – intitulado *Imagem e ensino: uma proposta discursiva* (SOUZA, 2010) – teve como principais objetivos entender as distintas formulações dos exercícios contendo texto verbo-visual e o emprego deste tipo de texto nos LDs de Língua Portuguesa para o ensino médio da rede pública. Além disso, verificou-se a coerência na formulação das questões envolvendo o texto verbo-imagético cobradas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fomentadas pelos LDs.

Norteados por essas questões de pesquisa, concluímos que os livros *Português: novas palavras* (2000), *Português linguagens* (2003) e (2004), *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos* (2002), *Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras* (2005) e *Cadernos do Estado para o ensino médio* (2008) apresentavam uma heterogeneidade de metodologias, teorias no trato com as interfaces das linguagens. Essa diversidade pôde ser compreendida por meio da formulação de quatro categorias diferentes de leitura das materialidades. Na primeira categoria, o texto verbo-imagético era lido com função ilustrativa (exemplo das fotos, pinturas e desenhos); na segunda, era lido pela relação entre duas ou mais linguagens (o poema e a pintura, a tirinha etc.), ou seja, uma linguagem como complemento da ideia da outra; já na terceira, pela interação entre as linguagens (cartuns e anúncios publicitários). Na última categoria, observamos um certo destaque para a produção de sentidos (o funcionamento do texto verbal ou verbo-visual) no universo enunciativo (cartuns e anúncios publicitários).

Somado a isso, no período de desenvolvimento da pesquisa, estivemos em constante diálogo com o pesquisador Jocenilson Ribeiro, também membro do grupo LABOR, cujo estudo foi denominado *A constituição do enunciado nas provas do ENEM e ENADE: uma análise dos aspectos semiológicos da relação língua-imagem sob a ótica dos estudos do discurso*. Desse diálogo, depreendemos que a heterogeneidade examinada nos LDs também se fazia presente nas provas do ENEM. Desse modo, a resposta que obtivemos, naquele momento, foi a de que

⁵ O trabalho de Iniciação Científica foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no período entre agosto de 2009 e agosto de 2010.

ambos os objetos, tanto o guia didático quanto o exame avaliador, traziam uma variedade de métodos e teorias no emprego do texto multimodal em suas questões. Não perdemos de vista em nossos estudos as seguintes hipóteses, já confirmadas: a) a heterogeneidade de teorias e métodos de análise do texto imagético mantém direta relação com as propostas curriculares instituídas pelas diretrizes nacionais de educação (MEC, LDB; PCNs) e os conteúdos sugeridos na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (LCT); b) não há para o ensino de linguagens dessa natureza uma proposta teórica consolidada capaz de orientar o aluno e o professor na análise do texto verbo-visual numa perspectiva discursiva, portanto, da ordem do acontecimento.

Outro resultado importante da pesquisa, em meio à disparidade de abordagens presentes nos LDs a que nos referimos, foi a constatação da presença de uma abordagem discursiva na leitura, na interpretação de textos multimodais. Todavia, tal ocorrência se deu em um número bastante reduzido, o que não nos permite ainda afirmar que é um domínio recorrente. A partir disso, convergimos para a ideia de que a abordagem com base nas teorias do discurso poderia ser um norte para a leitura desses tipos de textos. Por esse motivo, propusemo-nos a investigar, em nossa dissertação intitulada *O enunciado imagético e verbal no livro didático: uma orientação discursiva, a pertinência e a contribuição dessa abordagem para professor no trato com exercícios multimodais a partir de um viés discursivo/semiológico de interpretação*.

A contradição existente entre a apresentação dos referidos LDs e seus conteúdos no que diz respeito ao trato com o texto não verbal e misto também foi percebida no desenvolvimento do TCC, entretanto, a busca por uma coerência entre o discurso das apresentações dos LDs e seus teores não foi encerrada nessa fase do estudo; pelo contrário, essa percepção levou-nos à análise das apresentações dos livros *Português linguagens* (1990) e (2010), *Novas palavras* (2010), *Viva português: ensino médio* (2010), *corpus* da pesquisa de mestrado, e também conduziu-nos ao exame do *Guia de Língua Portuguesa para o ensino médio* (2011) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), materiais pesquisados para embasar a análise em andamento.

3.2 Desenvolvimento da Pesquisa X: aprofundamento da investigação

O projeto de pesquisa *O enunciado imagético e verbal no livro didático: uma orientação discursiva*⁶ (SOUZA, 2012) objetiva especificamente verificar e avaliar a ocorrência (quantitativa) de exercícios contendo texto verbo-visual, analisar como a abordagem discursiva atua nestas atividades, investigar a pertinência e a contribuição dessa abordagem e orientar o professor no trato com exercícios contendo textos multimodais. O *corpus* desse trabalho é composto pelos livros *Português linguagens* (1990 e 2010), *Novas palavras* (2010), *Viva português: ensino médio* (2010), dos quais selecionamos os volumes 3 de Língua Portuguesa para o ensino médio. Tal seleção recai sobre o fato de que esses livros fazem parte da lista do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) estabelecida pelo MEC para os anos de 2012, 2013 e 2014.

Apesar de esse trabalho ainda se encontrar em fase de andamento, já temos algumas considerações parciais. Se começarmos pela análise das apresentações dos LDs, do Guia do Livro Didático para o Ensino Médio e do PNLD, podemos dizer que há um descompasso entre os dados apresentados por esses documentos e os conteúdos presentes nos LDs, ao menos no que tange ao trabalho com a imagem e o texto misto. Em relação à incidência de exercícios contendo texto imagético e misto, percebemos que houve um aumento extremamente significativo, uma ocorrência sete vezes maior, quando comparadas as edições de 1990 e 2010 do livro *Português linguagens*. No que diz respeito aos livros avaliados *Novas palavras* (2010) e *Viva português: ensino médio* (2010), o aumento também foi expressivo, embora não tão elevado como no livro *Português linguagens*.

Os livros *Português linguagens*, *Novas palavras*, *Viva português: ensino médio*, todos na edição de 2010, são constituídos por um número de imagens e apresentam uma recorrência de textos mistos maior que a edição de 1990 do livro *Português linguagens*. Além disso, incorporaram novos procedimentos de editoração, impressão, tornando as edições de 2010 muito mais coloridas que a edição de 1990, a qual trazia em sua composição a maior parte das imagens em preto em branco e pouquíssimas cores, com função de destaque para a capa, tópicos e unidades. Isso nos permite notar que livros tradicionais de língua portuguesa, quando passam por novas edições, ganham um tratamento editorial capaz de incidir

⁶ O projeto de mestrado é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no período entre março de 2011 e fevereiro de 2013.

na quantidade de imagens. Mas tal questão não se resume a uma abordagem apenas político-editorial; representa, pois, um fenômeno na história das ideias linguísticas e do ensino de língua portuguesa que merece destaque.

Na tentativa de explicarmos tamanha ocorrência de textos imagéticos e mistos, o aumento da utilização de cores, a aeração textual, a reconfiguração de formas, a incidência de tópicos dentre outras mudanças, levantamos hipóteses de que tal fenômeno pode estar vinculado à intenção de aproximar o LD do *layout* de *sites* e páginas da Internet. Esse propósito, por sua vez, pode estar atrelado ao apelo mercadológico, ao intento de atingir um público alvo.

O que se pode depreender desse levantamento é que a tendência de substituição de textos curtos por imagens, textos mistos, pode provocar uma modificação nas práticas de leituras, isto é, a leitura propiciada por esse suporte pode ser mais rápida, econômica e fugaz. Cabe lembrar que as mudanças no que se refere à interpretação do texto imagético e sincrético ainda são tímidas. Contudo, reconhecemos que os primeiros passos já foram percorridos, em um caminho sem volta, conforme se pode observar no capítulo destinado especialmente ao trabalho com o texto misto do livro *Português linguagens*, edição de 2010.

3.3 Pesquisa inicial Y: um olhar para os sistemas de avaliação (ENEM/ ENADE)

Quando observamos, ainda no projeto de mestrado, os modos de formulação de textos mistos em manuais e livros didáticos e exames de avaliação nacionais em consonância com as orientações presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), percebemos que, nas últimas duas décadas, a linguagem imagética e os textos sincréticos manifestaram-se com maior recorrência nesses documentos e, ao mesmo tempo, constituíram discursos acadêmicos, científicos, oficiais e pedagógicos. Isso aconteceu porque novas propostas de ensino de língua (materna e estrangeira) foram incorporadas ao currículo da educação básica no Brasil, visando ao modelo de ensino baseado em um método mais comunicativo e em um ensino sob a égide da multimodalidade textual, a partir dos quais se busca a formação de um aluno competente para desempenhar a leitura e a escrita na escola e, por extensão, na sociedade (BRASIL, 2006).

Nesses estudos, constatamos que houve um aumento dessa modalidade de linguagem no ENEM de modo significativo; restava-nos saber sobre o modo de

sua apropriação, constituição, circulação e o exercício de estratégias de escrita e de leituras empregado nos textos sincréticos empreendidos a partir das competências e habilidades dos alunos nas provas. Por meio desses estudos, notamos que não há, de forma estabilizada, um arcabouço teórico-metodológico definido que possibilite a leitura dessa materialidade numa perspectiva discursiva, até porque somente em períodos mais recentes novas materialidades vieram a ser mobilizadas como objetos de estudo da Análise do Discurso, uma vez que se priorizava a materialidade linguística nas análises dos *corpora*. (GREGOLIN, 2001). A centralidade do sentido, para muitos, estava na língua, que era responsável por traduzir outros sistemas de signos.

Com a recorrente frequência do texto misto nas provas do ENEM e do ENADE nos últimos seis anos, foi possível notar diferenças de relações entre as linguagens, modos distintos de abordagens no que tange ao uso de linguagens nas questões, dado o objetivo nelas almejado, as habilidades e as competências (BRASIL, 2007) específicas para cada situação-problema (itens de provas). Nosso objetivo nessa pesquisa era tentar responder à questão: como contribuir teórico e metodologicamente com a leitura e a interpretação dos textos mistos por meio dos estudos do discurso em um momento em que tais materialidades parecem destacar-se, dada a sua complexidade, multiplicidade e recorrência em materiais didático-pedagógicos e avaliativos nas últimas décadas? Para responder a essa questão, percebemos que, dada a complexidade do problema percebido no decorrer dessa pesquisa, era pertinente um estudo mais aprofundado em que se objetivasse fazer um recuo no curso da história das teorias linguísticas desenvolvidas no Brasil, a fim de compreender as mudanças pelas quais passaram as ideias linguísticas que engendraram o fenômeno que aqui tomamos como objeto de estudo.

Sem a pretensão de uma leitura contínua do processo de escrita da história, mas observando o modo como as ideias linguísticas e semiológicas se impuseram na atividade docente com a produção e circulação de textos imagéticos em materiais de ensino, passamos a observar fragmentos de um saber que, aos poucos, colocou-se como campo de análise. Nesse viés, o trabalho da linguista Cristina Altman (2001, 2004, 2009), no campo da historiografia linguística, serve-nos de parâmetro, uma vez que ela vem observando os distintos modos de escrita da ciência linguística brasileira a partir da institucionalização dos estudos linguísticos no país.

Por outro lado, após as análises fundamentadas na teoria do discurso e atentos para a contribuição de estudos semiológicos sobre outros sistemas de

linguagem, além do linguístico, constatamos no desenvolvimento do projeto inicial que, quando a competência avaliada era sobre a linguagem verbal nas provas, havia uma fundamentação teórica e, às vezes, metodológica para a leitura e interpretação – como as teorias da gramática, sociolinguística, sintaxe etc.; mas quando a questão envolvia mais de uma linguagem, esta aparecia, muitas vezes, como se o texto não-verbal ou sincrético não precisasse de uma teoria que levasse em consideração os modos de produção e circulação de sentidos. Logo, delineamos alguns trajetos de leitura desse tipo de questão a fim de acompanhar os diferentes modos de abordagens nas provas sem incorrer no risco de estabelecer e seguir um modelo meramente classificatório capaz de reduzir a heterogeneidade constitutiva da linguagem e desconsiderar que cada questão fora elaborada com objetivos diferentemente dos nossos.

Procurando estabelecer as relações de proximidade, semelhança ou princípio teórico entre uma questão e outra, uma materialidade e outra, desenvolvemos o seguinte trajeto de análise: a) leitura da imagem como *ilustração* ou com função *didatizante*: a imagem figura a situação-problema apenas para ilustrá-la, é pouco ou quase nunca mencionada quanto ao aspecto material, e a atenção da proposta se volta para uma dada teoria (linguística, biológica, geográfica ou física, por exemplo); b) leitura feita pela *relação intersemiológica*: as diferentes linguagens fazem parte da análise porque exigem do aluno/candidato capacidade de relacioná-las e compará-las tanto no que se refere ao conteúdo-tema e expressão quanto à possibilidade de “tradução” de uma pela outra. A materialidade adquire uma atenção maior na questão porque o aluno/candidato precisa reconhecer seu funcionamento e apontar, em outra linguagem, alguma relação de concordância, seja em função do tema apresentado, seja em relação ao aspecto expressivo do texto; c) *composição técnico-expressiva*: a imagem nesse caso é o objeto de análise, adquire um lugar central para a compreensão do sentido inerente aos signos que a constituem; d) *materialidade constitutiva*: estas questões exigiam um nível de leitura e de interpretação da imagem mais elevado em relação às anteriores no que tange à constituição do sentido. A imagem adquire também um papel central na abordagem da questão, contudo o que a distingue da classificação anterior é o arcabouço teórico que leva o aluno/candidato a responder à situação-problema tendo em vista uma teoria do signo, do texto ou da comunicação. Nesse ponto, observamos que, para a resolução das questões, o aluno deveria estar munido de um saber baseado nas teorias da comunicação e de base semiótica, reconhecendo os elementos constitutivos do texto. Mesmo analisando um *corpus* diferente, a

pesquisadora Parla Camila dos R. de Souza, que na época desenvolvia IC e TCC, chegou a resultados semelhantes no que se refere aos modos de tratamento e à recorrência do texto.

Constatamos que a leitura da imagem, a qual pode ser entendida como representação da realidade, e não como lugar de construção de conceitos, consolidação de valores e ideologia, é, de certo modo, uma possível compreensão da relação dinâmica entre as pessoas de uma sociedade. Isso é, ao ver a imagem, o indivíduo social se vê e, por isso mesmo, lê, muitas vezes, por relação de semelhança com o mundo empírico. Nessa perspectiva, a análise da imagem não carece de esforço interpretativo, já que seu dizer está evidente em sua iconicidade. Do mesmo modo, a escola por muitos anos usou a imagem para dirigir a leitura do estudante e ilustrar o sistema verbal, privilegiando a discussão de um determinado gênero do discurso constituído pela linguagem verbal, mesmo que outras materialidades também compusessem o todo do texto. Talvez por esse motivo, os alunos ainda encontrem certa dificuldade na educação básica, no que concerne ao domínio interpretativo de charges, fotografias, pinturas, envolvendo questões de natureza linguística e imagética, uma vez que não se questiona por que determinadas imagens aparecem com regularidades nas práticas de construção de saberes e outras circulam por um tempo, desaparecendo em outras ocasiões.

3.4 Desenvolvimento da Pesquisa Y: apontamentos para uma HIL

A partir das constatações da pesquisa a que nos referimos até então, passamos a desenvolver um projeto intitulado *Arqueologia da imagem em historiografia linguística brasileira: discurso, ensino e sistemas de avaliação*⁷. Nosso intento é investigar as condições de emergência e o aumento progressivo do emprego da linguagem imagética na produção de textos contemporâneos de âmbito educacional.

⁷ O projeto de tese de doutorado é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP: Processo 2011/09588-5). No período compreendido entre agosto de 2012 maio de 2013, o pesquisador desenvolve um projeto de pesquisa financiado pela mesma instituição (Processo 2012/04889-0) na Paris 3 – Université Sorbonne Nouvelle sob orientação do prof. Christian Puech no campo da História das Ideias Linguísticas (HIL). O objetivo é aprofundar seus estudos no terreno da HIL a fim de melhor compreender e analisar o objeto de estudos do projeto de tese a que esta pesquisa atual está vinculada.

Além disso, procuramos compreender os pressupostos teóricos que têm orientado o ensino/aprendizado de leitura e interpretação de textos, de modo geral, e da imagem, de modo particular, considerando o panorama histórico de institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil.

Adotando um procedimento diferente do projeto inicial (SANTOS, 2011) para descrição e análise do *corpus*, o primeiro momento desse trabalho contemplou apenas livros didáticos de língua portuguesa para ensino médio (livros para segundo grau técnico, curso normal, científico etc.), postos em circulação no país entre as décadas de 1970, 1980, 1990 e nos primeiros dez anos deste século. Procedemos então à análise e descrição dos manuais observando como vem sendo feita, ao longo desse período, a abordagem do texto imagético e misto.

Selecionamos, pois, sete manuais⁸ editados no período de recorte e observamos a predominância das materialidades em cada um dos livros, ora descrevendo-os isoladamente, ora comparando-os quando, por exemplo, os livros passavam por reedições. Neste caso, em específico, foi curioso notar que, tanto para o projeto de editoração do livro quanto para o próprio tratamento do texto verbo-visual, no que tange aos modos de leitura, houve mudanças significativas, dadas, certamente, às condições históricas mais diversas de uma década para a outra. Se, de um lado, as políticas editoriais, as tecnologias para o tratamento da imagem (que impulsionaram a era das visualidades nas mídias impressas e virtuais a partir da década de 1990) e as políticas pedagógicas fizeram com que os livros ganhassem novas formas de apropriação do texto visual; por outro, não podemos negar que houve também um movimento epistemológico no campo do ensino de linguagens capaz de promover estas mudanças. Ancoramos esta afirmação no fato de que os livros analisados – produzidos nas décadas de 1970, 1980 e 1990 – trazem sempre nos primeiros três capítulos (ou unidades) temas relacionados às

⁸ a) Coleção com três volumes: ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B. *Produção de Textos: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2008; ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2008; ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N. *Gramática: texto, análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. b) CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português Linguagens*. v. único. São Paulo: Atual, 2003. c) MAIA, J. D. *Língua, literatura e redação*. v. 1. São Paulo: Ática, 1989. d) MARINO, E. R. *Estudos de Português para o 2º grau*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1980. e) PINO, D D; SCARTON, G. *Leitura, língua e literatura: 2o. grau*. 7. ed. v.1. São Paulo: Saraiva, 1987. f) TUFANO, Douglas. *Estudos de língua e literatura*. v.1. 5a. ed. reform. São Paulo: Moderna, 1998.

rubricas teóricas *comunicação e expressão, teoria e/ou elementos da comunicação e funções da linguagem*. Nos livros publicados a partir de 2000 até 2011, já não há, do mesmo modo, este encaminhamento de leitura das materialidades.

Diferentemente dos seis primeiros manuais, merecem destaque os volumes produzidos pelas professoras Maria Luiza Abaurre e Maria Bernadete Abaurre, que trazem uma proposta de manual embasada em conceitos bastante recorrentes dos estudos linguísticos atuais como, por exemplo, aqueles pertencentes ao campo da Análise do Discurso e dos Gêneros do Discurso. Nesse sentido, a coleção composta por três volumes – *Produção de Textos: interlocução e gêneros, Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras* e *Gramática: texto, análise e construção de sentido*, publicados pela editora Moderna (2008), traz conceitos e orientações aos alunos e professores para leitura e interpretação de diferentes linguagens, entre os quais podemos destacar, por exemplo, noções como *discurso, formação discursiva, ideologia, formação ideológica etc.*

Considerações finais

Partindo de constatações como as que arrolamos até aqui, defendemos que, embora não representem para nós nenhuma novidade as transformações por que passa qualquer prática pedagógica – no campo das ciências da linguagem, das ciências exatas, naturais ou das humanidades –, houve um olhar mais atento para as questões que envolvem o texto verbo-visual em livros e sistemas de avaliação no Brasil. Isso significa que o texto imagético e/ou misto passa da condição de objeto ilustrativo, em LDs de língua portuguesa e em exames avaliativos, para objeto de leitura, ainda que, em diversas situações, esta modalidade de texto ilustre as questões e problemas de linguagens para fins didatizantes. Resta, então, saber como se tem procedido com a leitura dessas materialidades, quais as metodologias de análise, quais campos teóricos têm orientado uma leitura com base em seu funcionamento enquanto materialização de discursos na ordem da historicidade. Isso implica, pois, a consideração das especificidades semiológicas do texto em sua dimensão material/iconográfica, semântica e sintagmática, mas também a compreensão de sua dimensão discursiva e ideológica.

Se, de um lado, acompanhar no interior das questões teóricas e metodológicas diferentes tratamentos da leitura/interpretação do texto no ensino nos permite reconhecer as contribuições dos estudos linguísticos até então; por outro,

observar as discontinuidades, as lacunas bem como o silenciamento em face de um trabalho com a leitura do texto verbo-visual nos permite propor, no terreno dos estudos discursivos, um modo de olhar para essas materialidades no contexto escolar. Nessa perspectiva, o aluno estará mais atento às diferentes maneiras de construção, circulação e apropriação dos discursos na sociedade de que faz parte. Se é na língua que o discurso se efetiva como efeitos de sentidos entre interlocutores, do mesmo modo, nos textos imagéticos, constroem-se saberes, legitimam-se valores, impõem-se condutas, atitudes e comportamentos mais ou menos compartilhados por uma (in)consciência coletiva.

Referências

ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, M. B. M. *Produção de textos: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2008. (Coleção com 3 volumes).

_____; PONTARA, M. N. *Gramática: texto, análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. (Coleção com 3 volumes).

_____. *Literatura Brasileira: tempos, leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2008. (Coleção com 3 volumes).

ALTMAN, C. *Nossa Língua e Essoutras: diversidade e universalidade na lingüística latino-americana*. Projeto integrado CEDOCH-DL/USP. Boletim VII do Centro de Documentação em Historiografia Linguística. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. Retrospectiva e perspectiva da historiografia da linguística no Brasil. *Revista de historiografia linguística*, I, 2, p.115-136, 2009.

AMARAL, E. et al. *Novas palavras*. v.3. São Paulo: FTD, 2010.

BRASIL. *Diretrizes para o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua portuguesa*. Brasília-DF: MEC, 1986.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases das Educação Nacional*. Brasília-DF: MEC, 1994.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília-DF: MEC, 1996.

BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

CAMPOS, E. M. *et al. Viva português*. v. 3. São Paulo: Ática, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. A. C. *Português linguagens*. v. 3. Ensino Médio. São Paulo: Atual, 1990.

_____. *Português linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

_____. *Português linguagens*. v. 3. Ensino Médio. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J. M.; PUECH, C. (Org.) *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

COURTINI, J.J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Supervisão de Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

FIORIN, J. L. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001[1970].

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

GREGOLIN, M. R. V. Sujeito, sentido e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____.; BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.

_____. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. v. 4, n.11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/117/118>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

MAIA, J. D. *Língua, literatura e redação*. v. 1. São Paulo: Ática, 1989.

MARINO, E. R. *Estudos de Português para o 2º grau*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1980.

PÊCHEUX, M. *Análise do discurso: três épocas*. In: GADET, F. ; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Trad. Bethania Mariani *et al.* Campinas, SP: EdUnicamp, 1993. p. 311-318.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: EdUnicamp, 1995.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007. p. 49-57.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Org.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

PINO, D. D.; SCARTON, G. *Leitura, língua e literatura: 2. grau. v.1. 7. ed.* São Paulo: Saraiva, 1987.

PIOVEZANI, C. *Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político*. São Paulo: EdUnesp, 2009.

PUECH, C. (Org.) *Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection*. HEL, 28/1, 2006.

_____. La vie sémiologique. In: PUECH, C. (Org.) *Sémiologie et histoire des theories du langage. Langages*. n. 107. Paris: Larousse, 1992.

SANTOS, J. R. *A constituição do enunciado nas provas do ENEM e ENADE: uma análise dos aspectos semiológicos da relação língua-imagem sob a ótica dos estudos do discurso*. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/19/TDE-2011-04-28T110412Z-3656/Publico/3563.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2012.

TUFANO, D. *Estudos de Língua e Literatura*. v. 1. 5a. ed. reform. São Paulo: Moderna, 1998.

Recebido em 11/09/2012

Aprovado em 11/11/2012